

Proposta inglesa para salvar os países endividados

Se a crise da dívida externa do Terceiro Mundo for resolvida, como se pretende agora, reduzindo as importações dos países endividados, o mundo não poderá sair realmente da atual recessão e o problema acabará por explodir. Esta é a conclusão de um informe especial preparado pela Helix Agency para o Financial Times, o mais importante jornal econômico do Reino Unido.

O informe — sobre “as lições do caso brasileiro” e que já está sendo vendido a empresas interessadas no Brasil — propõe outras saídas. Uma possível solução seria a emissão pelas instituições financeiras internacionais de bônus de 20 a 25 anos, com vencimento fixo e taxas de juros muito abaixo do nível atual. Se a colaboração dos bancos centrais fosse assegurada, os bancos comerciais poderiam ser convidados a aplicar parte de suas reservas na aquisição destes bônus.

Compulsório mundial

Os novos papéis teriam uma função similar à que desempenham os depósitos obrigatórios do sistema bancário de cada país no respectivo banco central. Com este recolhimento compulsório a nível mundial, os bancos comerciais estariam cobrindo a sua própria responsabilidade pelo fato de terem participado de empréstimos tão vultosos anteriormente.

O dinheiro reunido com estes bônus seria repassado aos países endividados a juros flutuantes, fixados de acordo com o comportamento da economia de cada país. Em caso de comércio internacional permitir que as nações endividadas resolvam mais rapidamente seus problemas, as taxas poderiam subir, de modo a permitir a recuperação mais rápida de recursos pelas agências multilaterais repassadoras do dinheiro. Assim, se conservariam os fundos para futuros empréstimos. Por outro lado, se um país enfrentasse problemas muito graves, os juros poderiam baixar.

O informe responde às críticas que se poderiam fazer, sobretudo nos países ricos, onde não falta quem diga que os contribuintes não devem pagar pelos erros dos banqueiros nem pela “irresponsabilidade” dos governantes do Terceiro

Mundo que, além de aceitarem empréstimos em condições desvantajosas (inclusive sujeitos à variação dos juros), aplicaram mal o dinheiro. Para contornar o problema, o informe sugere que os bancos centrais dos países ricos tenham acesso direto aos números sobre o comportamento das economias endividadas.

Os bancos comerciais, admite a Helix Agency, talvez não quisessem manter em carteira bônus de rentabilidade tão baixa. No entanto, é preciso pensar no futuro próximo: se não se dá uma solução efetiva para o problema, os banqueiros correm o risco de perder uma parcela maior de recursos.

A Helix Agency ainda chama a atenção para a abrupta queda dos empréstimos comerciais, advertindo que se os países endividados não têm acesso a estes créditos não estarão nunca em condições de pagar suas dívidas.

Acesso a informações

De seu lado, os países subdesenvolvidos deverão assumir também sua responsabilidade na reconstrução do sistema financeiro internacional e permitir o acompanhamento, tão próximo quanto possível, de suas economias pelos governos estrangeiros: apenas se os países ricos tiverem rápido acesso a estas informações, podendo, assim, verificar o uso que se faz dos créditos concedidos, é que aceitarão participar de uma solução deste tipo.

O informe adverte que os países ricos e as agências multilaterais de crédito não poderão exigir muito mais do que isto, nas atuais circunstâncias. No caso brasileiro, a Helix Agency afirma que deverá aceitar, ao menos transitoriamente, o papel decisivo que o Estado desempenha na economia; isto não pode ser negociado no momento. Além disso, os credores precisam entender que as estatais pedem recursos para continuar funcionando, sendo necessário distinguir claramente este fato da idéia de se diminuir a sua participação na economia.

Em síntese — conclui a Helix Agency —, é urgente a adaptação dos acordos de Bretton Woods às exigências de uma nova era.